

Dossiê: Políticas públicas para educação, formação docente e metodologia da pesquisa, 2025, pág. 1

A COMPOSIÇÃO ÉTNICA DA FAZENDA DESCALVADOS DE CÁCERES – MT (SEGUNDA METADE DO SÉCULO XIX, PRIMEIRA METADE DO SÉCULO XX): DESAFIOS E POSSIBILIDADES DE ENSINAR HISTÓRIA LOCAL

Cleiton da Silva Leite¹
Marli Auxiliadora de Almeida²

Resumo

O presente artigo aborda aspectos socioeconômico da Fazenda Descalvados, localizada no município de Cáceres, Mato Grosso, entre a segunda metade do século XIX, e a primeira metade do século XX, no âmbito do Programa de Mestrado Profissional de Ensino de História – ProfHistória. Nesse período, a Fazenda Descalvados representou Mato Grosso no cenário econômico brasileiro e mundial, enquanto exportadora de bovino e derivados. Nesse contexto, objetiva-se analisar a composição étnica dos trabalhadores indígenas e não indígenas no cotidiano da Fazenda Descalvados, a fim de desenvolver um objeto de conhecimento de História Local que visibilize esses sujeitos históricos, não destacados no currículo escolar, provenientes da Base Nacional Comum Curricular (BNCC) (Brasil, 2018) e no Documento de Referência Curricular do Estado de Mato Grosso (DRC-MT) (Mato Grosso, 2018). O procedimento teórico-metodológico que baseia essa escrita fundamenta-se na análise de estudos acadêmicos sobre a Fazenda Descalvados e sua relação com o ensino de História Local e o conhecimento escolar. O resultado preliminar deste estudo pode contribuir para professores como material de apoio didático do Sistema Estruturado de Ensino da Secretaria de Estado de Educação de Mato Grosso, assim como para a ressignificação da História de Cáceres, a partir do sentimento de pertença na relação de ensino e aprendizagem para além de documentos curriculares oficiais.

Palavras-chave: ProfHistória; história local; Fazenda Descalvados.

¹ Mestrando em Ensino de História em Rede Nacional na Universidade do Estado de Mato Grosso (UNEMAT), professor na Secretaria de Estado de Educação de Mato Grosso (SEDUC), cleiton.leite@unemat.br

² Doutora em História pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), professora na Universidade do Estado de Mato Grosso (UNEMAT), marlialmeida@unemat.br

Resumen

El presente artículo aborda aspectos socioeconómicos de la Hacienda Descalvados, situada en el municipio de Cáceres, Mato Grosso, entre la segunda mitad del siglo XIX y la primera mitad del siglo XX, en el marco del Programa de Mestrado Profissional de Ensino de História – ProfHistória. En ese período, la Hacienda Descalvados representó a Mato Grosso en el escenario económico brasileño y mundial, como exportadora de ganado bovino y derivados. En este contexto, el objetivo es analizar la composición étnica de los trabajadores indígenas y no indígenas en la vida cotidiana de la Hacienda Descalvados, con el fin de desarrollar un objeto de conocimiento de Historia Local que visibilice a estos sujetos históricos, no destacados en el currículo escolar, procedentes de la Base Nacional Comum Curricular (BNCC) (Brasil, 2018) y en el Documento de Referência Curricular do Estado de Mato Grosso (DRC-MT) (Mato Grosso, 2018). El procedimiento teórico-metodológico en el que se basa este escrito se fundamenta en el análisis de estudios académicos sobre la Hacienda Descalvados y su relación con la enseñanza de la historia local y el conocimiento escolar. El resultado preliminar de este estudio puede contribuir a los profesores como material didáctico de apoyo del Sistema Estruturado de Ensino da Secretaria de Estado de Educação de Mato Grosso, así como a la reinterpretación de la historia de Cáceres, a partir del sentimiento de pertenencia en la relación de enseñanza y aprendizaje más allá de los documentos curriculares oficiales.

Palabras Clave: ProfHistória; historia local; Hacienda Descalvados.

1 INTRODUÇÃO

Uma das principais dificuldades enfrentadas pelos professores de História no Estado de Mato Grosso está relacionada à ausência de conteúdos sobre a História Local no Sistema Estruturado de Ensino do Estado de Mato Grosso (SEE-MT) (Mato Grosso, 2024)³. Objetos de conhecimentos relacionados a localidades mato-grossenses, como praças, igrejas, ruas, e demais espaços de memórias de sujeitos históricos, geralmente, não são abordados nos materiais didáticos que compõem o Sistema Estruturado.

Diante da ausência de questões que envolvem o ensino de História Local, estudos acadêmicos com abordagens socioeconômicas da Fazenda Descalvados, localizada na região de Cáceres-MT, configuram-se como objeto privilegiado para o ensino de História Local. Portanto, neste artigo, propomos realizar um estudo sobre a composição étnica da Fazenda Descalvados para o ensino de História Local no nível de Ensino Fundamental II, composição essa representada pelos trabalhadores indígenas Bororo⁴, provenientes de vários locais do Brasil e estrangeiros, que realizavam suas atividades laborais para os proprietários da Fazenda Descalvados, no período na segunda metade do século XIX e primeira metade do século XX. Assim, buscamos o desenvolvimento de um objeto de conhecimento de História Local que visibilize esses sujeitos históricos, os quais não são identificados no currículo escolar estudado no Documento de Referência Curricular do Estado de Mato Grosso (DRC-MT).

Como procedimento metodológico analisamos duas produções acadêmicas sobre a Fazenda Descalvados. O primeiro estudo intitulado “‘Índios Fronteiriços’: a política indigenista de fronteira e políticas indígenas na província de Mato Grosso entre a Bolívia e o Paraguai (1837-1873)”, de autoria de Marli Auxiliadora Almeida, produzido no ano de 2013. O segundo estudo intitulado “Território e Negócios na ‘Era dos Impérios’ – os Belgas na Fronteira Oeste do Brasil”, de autoria de Domingos Sávio da Cunha Garcia, produzido no ano de 2005. Os referidos estudos permitem visibilizar as relações de trabalho entre os indígenas Bororo de

³ O governo de Mato Grosso, implantou no ano de 2022, uma política educacional público-privado, denominada de Sistema Estruturado de Ensino de Mato Grosso (SEE - MT), com apoio da Diretoria de Desenvolvimento da Gestão Pública e Políticas Educacionais da Fundação Getúlio Vargas (DGPE/FGV), para produção de materiais didáticos; avaliações sistemáticas; formação continuada de professores; implantação de plataforma educacional e adoção da metodologia do Circuito de Gestão da Aprendizagem. Disponível em: <https://dgpe.fgv.br/projeto/sistema-estruturado-de-ensino-do-mato-grosso>. Acesso em: 30 jun. 2025.

⁴ Povo originário, que segundo pesquisas arqueológicas, antropológicas e historiográficas, estavam presentes na região que se formou o estado de Mato Grosso, desde o período Holoceno.

Campanha, trabalhadores brasileiros e estrangeiros, junto a proprietários da Fazenda Descalvados.

A partir das fontes citadas acima, analisadas à luz do conceito de História Local trabalhado por Aryana Costa (2019), em conexão com os conceitos de Conhecimento Histórico Acadêmico, analisado por Paulo Knauss (2019), e o Conhecimento Histórico Escolar estudado por Cristiane Silva (2019), pretende-se apresentar a composição étnica dos trabalhadores da Fazenda Descalvados com vistas ao ensino na história local.

Assim, o estudo dá ênfase experiências históricas vividas em territórios da fronteira oeste, como aquelas ocorridas na Fazenda Descalvados (Cáceres-MT), quando indígenas e não indígenas foram inseridos no contexto histórico de expansionismo luso-brasileiro e republicano, como trabalhadores. Desse modo, possibilita-se aos professores de história utilizar esta produção acadêmica como material de apoio didático voltado para o ensino de história local, considerando a análise de alguns fragmentos, como fontes bibliográficas e/ou documentais, para estabelecer ressignificações de pertencimento étnico e ampliação da consciência histórica.

2 A FAZENDA DESCALVADOS: ORIGEM E A COMPOSIÇÃO ÉTNICA

Estudos apontam que a Fazenda Descalvados teve um papel de grande relevância na história da cidade de Cáceres - MT, pois sua origem está ligada às transformações ocorridas no período colonial, desde quando a Descalvados fazia parte do território da Fazenda Jacobina, tendo contínua importância na economia local, nacional e internacional até as primeiras décadas de século XX.

Nesse sentido, Garcia (2005) nos apresenta uma dimensão territorial da Fazenda Jacobina:

As terras da Jacobina se estendiam em um vasto território, desde as regiões altas do oeste de Mato Grosso até o Pantanal Norte, na fronteira com a Bolívia, ultrapassando o rio Paraguai no sentido Leste-Oeste. A parte das terras da fazenda Jacobina que ficava na margem direita do rio Paraguai, até a fronteira natural com a Bolívia, no Pantanal Norte, era formada por campos, entremeados por pequenos capões de mata fechada (Garcia, 2005, p. 60).

Além dos aspectos da localização da Fazenda Jacobina, com a sua devida importância fronteiriça entre o império brasileiro e a república boliviana, ainda a respeito dessa propriedade, Almeida (2013) indica como a Fazenda Jacobina foi descrita por Hercule Florence, desenhista

da expedição científica russa, chefiada por Georg Heinrich von Langsdorff⁵, que explorou o oeste da Província de Mato Grosso, em 1827:

O desenhista da expedição, Hércules Florence, e integrantes dessa viagem científica compunham a parte responsável pela exploração do oeste da província. Partiram de Cuiabá rumo à Vila Maria em agosto de 1827, tendo Florence, durante o trajeto, descrito em pinturas e palavras a natureza local e seus habitantes, pontualmente os indígenas. Depois de muito terem andado e se hospedado em sítios e fazendas, ao longo do mês de agosto, chegaram, já nos primeiros dias de setembro, à Fazenda Jacobina, de propriedade de João Pereira Leite, tenente-coronel de milícias. (Almeida, 2013, p. 93).

Nota-se, por essa citação, que a Fazenda Jacobina era um ponto de hospedagem de pessoas que buscavam um lugar de descanso, para continuar suas jornadas posteriores, e que a fazenda era considerada a mais rica da Província de Mato Grosso. Almeida (2013) apresenta ainda elementos do cotidiano e da composição étnica da propriedade e destaca, principalmente, a presença de grupos étnicos indígenas.

Sobre esse aspecto, Florence fez a seguinte observação:

Quando estávamos acabando de almoçar, ouvimos um barulho de corneta e pela avenida da direita do grande pátio apareceu-nos um grupo de índios. Vermelhavam de urucu: adiantaram-se um a um, tocando o primeiro da frente um instrumento que parecia ser um chifre de boi, e cujo som é singular. Vinham 11 homens, 3 mulheres e 2 crianças, todos nus, com exceção de um único, trazendo alguns deles a cabeça como ornamento penas de variadas cores. Era um cacique [João Pereira Leite] da tribo vizinha dos Bororós que acudia, com alguns dos seus, a um convite do tenente coronel, o qual nos prepara, por sua amável simpatia. [...] Eram todos altos, bem feitos e robustos. Suas fisionomias tinham uma fereza que ainda não viríamos em outros índios, nem jamais tornaremos a ver (Florence [1827] 2007, p. 184).

Almeida (2013) ajuda a interpretar a narrativa de Florence sobre a presença dos indígenas Bororo, representada por pinturas corporais, com o uso do urucum e ornamentos feitos com peças de origem animal. Além de danças e jogos, que demonstravam aspectos da composição étnica de Jacobina. Por outro lado, o desenhista não deixa de indicar aspectos sociais dos Bororo, com características de seres ferozes. Falas “comuns” aos tidos civilizados no Oitocentos.

⁵ De acordo com o autor Marco Matos (2022, p. 172): “O empreendimento científico foi organizado e liderado pelo médico alemão Georg Heinrich von Langsdorff, que graças a sua experiência como cônsul da Rússia no Brasil entre 1813 até 1820, conseguiu junto ao czar Alexandre I os recursos necessários para a realização da Expedição, que contou ainda com a autorização e o apoio de D. Pedro I”. Disponível em: <https://periodicoscientificos.ufmt.br/ojs/index.php/aceno/article/view/13509/11540>. Acesso em: 01 jul. 2025.

Além das observações comportamentais de Florence aos indígenas Bororo na Fazenda Jacobina, continuando a análise das citações, não podemos deixar de considerar as descrições sobre a dimensão territorial dessa fazenda e das demais propriedades dos Pereira Leite. Conforme descrição de Garcia (2005, p. 61):

Nessa região o major João Carlos Pereira Leite tomou posse de um conjunto de sesmarias onde teve grande desenvolvimento a criação de gado, que aí se espalhou rapidamente. Dessa sesmarias, a mais importante foi aquela a que se deu o nome de “fazenda do Cambará”, que centralizava a criação de gado na parte da antiga Jacobina. No início da década de 60 do século XIX, já havia mais de 20 mil cabeças de gado na fazenda do Cambará. Mais ao sul dessa fazenda, também na margem direita do rio Paraguai, havia uma região de terras altas chamada “Escalvado”, onde, ainda no período colonial, costumeiramente se instalava uma fortificação militar para impedir o avanço dos espanhóis, em direção à Vila Maria e Vila Bela.

A referida citação apresenta a organização da família Pereira Leite, representante da elite local, para a composição territorial de suas propriedades formadas pela Fazenda Jacobina e pelas sesmarias⁶ (Cambará e Escalvados), que contribuíram para a expansão territorial brasileira por meio de ocupações de terras da província de Mato Grosso, e pelo investimento na atividade pecuária.

Além de destacar os aspectos econômicos das propriedades dos Pereira Leite, a indicação geográfica das fazendas, principalmente, da futura Fazenda Descalvados, que deveria cumprir a função estratégica de conter o avanço espanhol em conquistas da colonização lusa. Garcia (2005) descreve o incremento da sesmaria “Escalvado” para a Fazenda Descalvados:

Essa região alta foi progressivamente mudando o nome para Descalvados (provavelmente “do Escalvado” e depois “D’Escalvado”, antes de Descalvados), assim que foi sendo ocupada pelo major João Carlos Pereira Leite, como uma das suas sesmarias de criação de gado (Garcia, 2005, p. 61).

A transformação da Fazenda Descalvados não correu apenas no nome, ainda sobre as atribuições do Major João Carlos Pereira Leite e de suas propriedades, Garcia (2005, p. 61) afirma:

Durante a Guerra do Paraguai, o major João Carlos Pereira Leite participou das tentativas de expulsão dos paraguaios do sul de Mato Grosso. Mas seu

⁶ Terras doadas pela Coroa Portuguesa às famílias que as tornassem agricultáveis. Essa prática perdurou até os primeiros anos do Império brasileiro. Conforme, Louise Gabler (2015). Disponível em: <https://mapa.an.gov.br/images/Sesmarias.pdf>. Acesso em: 30 jun. 2025.

principal feito durante a guerra foi impedir a passagem pela fazenda Jacobina de pedestres vindos de Cuiabá, no período vivendo grande epidemia de varíola, contraída por soldados que haviam participado da primeira tentativa de expulsão dos paraguaios de Corumbá. Essa sua decisão teria evitado que a epidemia se alastrasse por Vila Maria e pela região oeste de Mato Grosso.

Na descrição acima, o autor destaca a importância das fazendas da família Pereira Leite, principalmente a Fazenda Jacobina durante a Guerra do Paraguai, que serviu de “muralha” para evitar o contato dos combatentes com a população à abertura econômica da província com o fim da guerra, em 1870.

Segundo Garcia (2005), a partir de 1870, a província de Mato Grosso recebeu muitos emigrantes argentinos, uruguaios e europeus. Entre esses estrangeiros, estava o argentino Rafael Del Sar, que comprou a sesmaria de Descalvados do major João Carlos Pereira Leite, em 1878. No ano de 1881, o uruguai Jaime Cibils Buxareo arrematou em leilão o espólio do Major João Carlos Pereira Leite, adquirindo também a charqueada⁷ de Del Sar.

Durante a administração do uruguai, um dos principais problemas na comercialização do gado foi resolvido, pois este era levado para longas caminhadas para ser vendido na região de Uberaba, Minas Gerais. Com a construção da fábrica de charqueada, Rafael Del Sar via vantagem em Descalvados, pela “matéria prima, estar próxima e barata” (Garcia, 2005, p.62).

Em seu estudo, Garcia descreveu o processo de mudança de proprietários da Fazenda Descalvados, até as primeiras décadas do século XX, quando a fazenda foi comprada por um grupo americano. Em suas palavras:

Em 1912, além deixar a *Compagnie de L'Urucum*, os empreendimentos de Descalvados, São José e as concessões no Guaporé, que pertenciam à *Compagnie Industrielle et Agricole au Brésil*, são vendidos para a *Brazil Land Cattle and Packing Company*, do grupo americano controlado por Percival Farquhar (Garcia, 2005, p. 154).

Como podemos observar, esse breve histórico da Fazenda Descalvados teve como foco a indicação da presença de trabalhadores indígenas e não indígenas, em uma espacialidade de expansão territorial e econômica, com reflexo na economia nacional. Assim, a produção de um objeto de conhecimento sobre a composição étnica da Fazenda Descalvados permite interpretar fragmentos das produções de Almeida (2013) e Garcia (2005) como fontes de pesquisas para ensinar História Local.

⁷ Charqueadas: local onde os bois são abatidos e onde se procede ao preparo do charque; saladeiro; tablada.

Isso posto, consideramos a Fazenda Descalvados um objeto de estudo que nos permite conhecer parte da História Local de Cáceres, por meio da composição étnica de seus trabalhadores e proprietários e suas relações sociais com os moradores da cidade de Cáceres (MT), que ultrapassam as atividades econômicas. Assim como, inserir o estudo de narrativas históricas situadas no tempo e no espaço. Como exemplo, a habilidade da Base Nacional Comum Curricular (BNCC), que indica a “articulação das temáticas locais e suas interfaces com processos ocorridos na Europa e nas Américas” (Brasil, 2018, p. 425).

3 A COMPOSIÇÃO ÉTNICA NA FAZENDA DESCALVADOS: FRAGMENTOS DE HISTÓRIA LOCAL

As produções acadêmicas indicadas como fonte para análise neste artigo são representadas pelo estudo de Almeida (2013) sobre a política expansionista do governo luso-brasileiro, com a utilização da mão de obra indígena do Bororo Ocidentais⁸ nas propriedades de terras em conexão com a política indigenista nacional. A esse respeito, Garcia (2005) analisa os negócios territoriais e as conexões internacionais entre elites locais e estrangeiras, permitindo visibilizar a exploração do trabalho de grupos indígenas, afrodescendentes e migrantes, muitos dos quais atuaram em fazendas como a Descalvados.

Corroboramos ainda com a perspectiva apontada por Paulo Knauss sobre Conhecimento Histórico Acadêmico (2019), quando indica que, contemporaneamente, as universidades constituem-se como centros de formação superior e de pesquisa inovadora. Essas inovações devem chegar até as escolas para estabelecerem um significado histórico de objetos do conhecimento próximos a realidades de nossos estudantes.

Sendo o conhecimento histórico acadêmico um aliado do professor em sala de aula, pelo fato dessas produções contribuírem para a construção de um conhecimento escolar, faz-se necessária a reflexão sobre os objetos de conhecimento, que, na maioria das vezes, são apresentadas de forma geral, de origem nacional, e pouco se trabalha o local.

Sobre História Local, Costa (2019), apresenta a seguinte afirmação:

Fazer/ensinar/estudar história local pressupõe tomá-la como objeto de conhecimento (quando nos concentramos em escalas “menores” e mais próximas a nós nos nossos recortes, como o bairro, a cidade, o Estado, mas também grupos sociais e cultural material que não necessariamente

⁸ A denominação Bororo Ocidentais foi atribuída aos Bororo Cabaçal e Campanha, que migraram para a região Oeste de Mato Grosso, após o contato com os colonizadores no século XVIII. Os Bororo que permaneceram em Cuiabá e região sul de Mato Grosso foram denominados de Coroado.

correspondem aos limites geográficos e políticos dos lugares) ou como lugar de onde partem os conhecimentos (dos próprios professores e alunos, da comunidade, de associações e organizações locais, das universidades) (Costa, 2019, p.132).

Nessa perspectiva, alinhamo-nos com o conceito de História Local abordado por Costa (2019) para pensar o objeto de conhecimento, composição étnica da Fazenda Descalvados, voltado para a “escala” grupos sociais. Conforme podemos verificar na narrativa de Almeida (2013), há possibilidade de visualizarmos os grupos sociais em Descalvados:

As terras da fronteira oeste de Mato Grosso, nas quais se operava parte da expansão territorial do Império brasileiro, mediante o estabelecimento de relações sociopolíticas entre os Bororo Ocidentais, governantes provinciais e estrangeiros que tentavam alargar as fronteiras da república boliviana, foram alvos de propostas e ações de políticas indigenistas destinadas ao aldeamento dessa etnia indígena (Almeida, 2013, p. 137).

As informações dessa citação permitem indicar o uso dos indígenas Bororo Ocidentais nas relações sociopolíticas estabelecidas na Fazenda Descalvados durante o período imperial, pois os indígenas aldeados nas proximidades da fazenda cumpriam os objetivos da colonização, representados pela expansão territorial luso-brasileira e a conexão com o desenvolvimento de atividades econômicas capitalistas.

A utilização de braços indígenas para as atividades econômicas, foram indicadas em outras fazendas dos proprietários da Fazenda Descalvados. Segundo Almeida (2013):

Os Bororo da Campanha foram aldeados na fazenda Cambará e nas proximidades de Descalvados. Em decorrência da política indigenista de fronteira, os Bororo, tanto os Cabaçal quanto os da Campanha, firmaram relações de interação com os colonizadores, participando da ocupação, da defesa, e do trabalho na fronteira (Almeida, 2013, p. 108).

Além da presença dos indígenas Bororo do subgrupo Campanha em Descalvados, como parte da política indigenista de aldeamentos para ocupação e extensão da fronteira oeste (fronteira entre o Brasil e a Bolívia), a produção acadêmica de Garcia (2005) apresenta grupos sociais:

Se para as funções mais importantes, os belgas escolhiam seus compatriotas ou pessoas de confiança, recrutadas na elite local, para as funções que exigiam maiores sacrifícios, em geral trabalho braçal, na fábrica de Descalvados, nos campos de criação ou na extração de borracha no vale do Guaporé, a

preferência recaía sobre trabalhadores de origem platina, índios e cearenses (Garcia, 2005, p.142).

Essa diversidade ocorreu pela presença de atividades ligadas ao extrativismo e principalmente, posterior a Guerra do Paraguai, que permitiu a entrada de grupos sociais oriundos, da Argentina, Uruguai e Paraguai, além dos grupos indígenas, em especial os Bororo Cabaçal e Campanha, e não indígenas, vindos das mais diversas localidades do Brasil, como os citados do Ceará.

As produções acadêmicas de Almeida (2013) e Garcia (2005) contribuem significativamente para o professor discutir com os estudantes sobre objetos de conhecimentos de História Local. Pois essa é uma diretriz da Base Nacional Comum Curricular (BNCC) (Brasil, 2018) que destaca a necessidade de os estudantes investigarem os processos históricos ocorridos em seu próprio território. A BNCC, na competência 7, exige ainda que:

Argumentar com base em fatos, dados e informações confiáveis, para formular, negociar e defender ideias, pontos de vista e decisões comuns que respeitem e promovam os direitos humanos, a consciência socioambiental e o consumo responsável em âmbito local, regional e global, com posicionamento ético em relação ao cuidado de si mesmo, dos outros e do planeta (Brasil, 2018, p. 9).

Assim, trabalhar com a composição étnica da Fazenda Descalvados como objeto de conhecimento, possibilita-nos desenvolver um ensino de História pautado em experiências concretas e identificáveis pelos estudantes.

Conforme Silva (2019, p. 53):

A partir dos conhecimentos históricos que aprende, o estudante tem oportunidade de estabelecer relações distintas entre distintas temporalidade e experiências, desenvolvendo habilidades de articular e estabelecer conexões entre os acontecimentos históricos (locais, regionais e nacionais) e a história vivida no tempo presente.

Dessa forma, é possível criar propostas pedagógicas centradas nos objetos do conhecimento locais, pois a história ensinada em sala de aula deixa de ser um discurso hegemônico e distante e passa a ser construída com base em fontes plurais, experiências reais e memórias. Esse movimento é essencial para formar cidadãos capazes de compreender o passado como construção e de se posicionar no presente com consciência e responsabilidade histórica.

Ainda, segundo Costa (2019, p. 52), quando consideramos que “a escola, o professor e o estudante são sujeitos centrais para a construção do conhecimento histórico” será possível dotar os estudantes de instrumentos de análise e interpretação de processos históricos que os permitam construir suas próprias representações do passado.

Nessa perspectiva, sugerimos as produções acadêmicas citadas ao longo dessa escrita como um instrumento de análise e interpretação de História Local por professores e estudantes, em conexão com a BNCC, na habilidade (EF08HI17) do 8º ano, qual seja: “relaciona as transformações territoriais, em razão de questões de fronteiras, com as tensões e conflitos durante o Império” (Brasil, 2018, p. 426-427).

Outra referência teórico-metodológica que podemos considerar no uso fragmentos dessas produções no ensino de História Local, corrobora com a ideia de Maria Auxiliadora Schmidt e Marlene Cainelli (2004) sobre a utilização de fontes documentais no ensino de História. Essas autoras defendem que o ensino de História deve se orientar pela problematização das fontes e pela valorização da experiência histórica dos sujeitos.

Uma nova concepção de documento histórico implica, necessariamente, repensar seu uso em sala de aula, já que sua utilização hoje é indispesável como fundamento do método de ensino, principalmente porque permite o diálogo do aluno com realidades passadas e desenvolve o sentido da análise histórica (Schmidt; Cainelli, 2004, p. 94).

Ao incorporar documentos escritos, como os da Fazenda Descalvados, o professor amplia a capacidade dos alunos de relacionar passado e presente. Essa estratégia reforça o papel do ensino de História como instrumento de construção de identidades e de valorização das memórias sociais uma vez que o professor de História pode propor atividades que envolvam a leitura e interpretação desses documentos. Inclusive, a produção de perfis de trabalhadores, pelos alunos, considerando, a reconstituição de rotinas, divisão das tarefas e problematização das relações de poder no interior da fazenda.

Essa abordagem fortalece o protagonismo discente, e promove uma experiência de aprendizagem baseada na investigação e na construção colaborativa do conhecimento histórico, conforme propõem Schmidt e Cainelli (2004) sobre o papel investigativo no ensino de História. Além de pensar o ensino como prática social situada, orientada pelo desenvolvimento da consciência histórica dos estudantes. Tal consciência, segundo as autoras, é fortalecida quando os alunos se apropriam de fontes próximas a sua realidade pois, essas, contribuem para o reconhecimento do tempo histórico como construção humana:

O contato com as fontes históricas facilita a familiarização do aluno com formas de representação das realidades do passado e do presente, habituando-o a associar o conceito histórico à análise que o origina e fortalecendo sua capacidade de racionar baseado em uma situação dada. (Schmidt; Cainelli, 2004, p. 94).

Consideramos que alguns fragmentos analisados neste artigo, a partir da “situação dada”, referente à composição étnica de Descalvados, podem revelar as estratégias de utilizadas pelos indígenas na relação com os proprietários de terras a partir de negociações cotidianas. As referidas estratégias de relações de trabalhos também pode ser pensada para os trabalhadores oriundos de outras nacionalidades. Por conseguinte, se por um lado havia a dominação econômica e territorial, por outro, havia formas de adaptação, “agência” e resistência de trabalhadores indígenas, trabalhadores nacionais e estrangeiros.

Ao utilizar a Fazenda Descalvados como objeto de estudo, o professor não apenas ensina conteúdos curriculares, mas proporciona aos alunos um contato direto com a história de seu território, promovendo o sentimento de pertencimento e a valorização da diversidade local.

Além de possibilidade do trabalho com outras fontes documentais (mapas, fotografias, registros orais) e abordagens interdisciplinares que valorizem múltiplas formas de produção da memória. Enfim, viabilizar materiais didáticos de apoio ao atual DCR-MT, que ainda contempla em suas páginas o modelo de História Quadripartite (Antiga, Média, Moderna e Contemporânea) em detrimento da História Local e sua relação com a História do Cotidiano. Isso posto, corroboramos com a análise de Circe Bittencourt (2018), ao estabelecer a relação entre a história local e a história do cotidiano, como lugar em que grupos sociais estabelecem relações de entrecruzamentos de histórias.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Consideramos a importância da História Local para a relação de ensino e aprendizagem em sala de aula a partir da análise da composição étnica da Fazenda Descalvados, e as relações de trabalhos vivenciadas por trabalhadores indígenas e não indígenas no contexto expansionista de Mato Grosso, entre a segunda metade do século XIX e a primeira metade do século XX, no âmbito da economia capitalista.

A partir da constatação da ausência de conteúdos sobre História Local no Sistema Estruturado de Ensino do Estado de Mato Grosso (SEE-MT), a proposta de utilização de fragmentos das produções acadêmicas dos autores Almeida (2013) e Garcia (2005), com a produção de objeto de conhecimento sobre a relação étnica, no contexto econômico da Fazenda

Descalvados, e seu uso como material de apoio didático, revela-se um caminho profícuo para integrar práticas de pesquisa, interpretação de documentos históricos e valorização de sujeitos locais na formação dos estudantes. Tais estratégias, tornam-se ainda mais relevantes, diante das orientações da Base Nacional Comum Curricular (BNCC) e do Documento Referência Curricular para Mato Grosso (DRC-MT), que defendem a centralidade do território vivido no processo de ensino-aprendizagem.

As produções acadêmicas que indicaram a composição étnica da Fazenda Descalvados evidenciaram a diversidade dos sujeitos que ali atuavam, incluindo indígenas, migrantes brasileiros, estrangeiros, libertos e outros trabalhadores rurais. Ao trabalhar esses registros em sala, o professor oferece aos estudantes uma oportunidade de identificar padrões de exclusão, desigualdade, mas também de organização do trabalho e construção de laços sociais na vida cotidiana da fazenda.

A relação entre indígenas e não indígenas mediada por formas específicas de trabalho e convivência torna-se um eixo pedagógico para desenvolver competências críticas, interpretativas e empáticas indispensáveis para a formação de sujeitos conscientes e ativos em sua realidade social. Tal eixo é observado na relação dos aldeamentos próximos à Fazenda Descalvados, que servia tanto para força de trabalho como relação de comércio, como situações de pertença por parte os Bororo Ocidentais, quando mantinham suas características étnico-culturais.

A proposta de aplicação didática a partir da Fazenda Descalvados se alinha à ideia de que o ensino de História deve estar enraizado no território vivido. Quando os estudantes reconhecem suas comunidades, famílias e experiências como parte da História, sentem-se sujeitos do conhecimento e tornam-se agentes ativos de preservação da memória social. Isso fortalece não apenas o processo de aprendizagem, mas também a identidade individual e coletiva dos alunos.

Além de contribuir com subsídios teórico-metodológicos para os professores, este trabalho apresenta a história de seu território como parte integrante da História do Brasil. A valorização da História Local, com base em experiências de ensino situadas e críticas e, por fim, contribui para que a escola cumpra seu papel social de formar cidadãos. Assim, a Fazenda Descalvados deixa de ser apenas um espaço físico do passado e passa a ocupar lugar de destaque como território de memória e aprendizagem histórica.

Dessa forma, neste artigo temos o fortalecimento de uma proposta curricular plural e dialógica mais conectada com as realidades locais. Ao articular currículo, território e sujeitos

históricos locais, amplia-se o campo de possibilidades didáticas no ensino de História, promovendo aprendizagens mais significativas e contextualizadas.

Espera-se que o resultado apresentado sirva como base para a criação de novos materiais didáticos regionais, que respeitem e valorizem a diversidade cultural do Estado de Mato Grosso, possibilitando o uso pedagógico de fontes locais, como as da Fazenda Descalvados, como recurso para o ensino investigativo, reflexivo e transformador da História.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, Marli Auxiliadora de. **“Índios Fronteiriços”**: a política indigenista de fronteira e políticas indígenas na província de Mato Grosso entre a Bolívia e o Paraguai (1837-1873). 2013. 241 p. Tese (Doutorado em História) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Porto Alegre – RS, 2013.
- BITTENCOURT, Circe Maria Fernandes. **Ensino de História**: fundamentos e métodos. 5. Ed. – São Paulo: Cortez, 2018.
- BRASIL. **Base Nacional Comum Curricular (BNCC)**. Brasília: Ministério da Educação. 2018. Disponível em: <https://basenacionalcomum.mec.gov.br>. Acesso em: 21 abr. 2025.
- COSTA, Aryana. História Local. In: FERREIRA, Marieta de Moraes; OLIVEIRA, Margarida Maria Dias de (coord.) **Dicionário de Ensino de História**. Rio de Janeiro: FGV Editora, 2019. p. 132-136.
- CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano**: 1. Artes de fazer. Petrópolis: Vozes, 1994.
- FLORENCE, H. **Viagem fluvial do Tietê ao Amazonas de 1825 a 1829**. Tradução de Visconde de Taunay. Brasília: Senado Federal, Conselho Editorial, 2007.
- GABLER, Louise. **Sesmaria**. Memória da Administração pública Brasileira (MAPA). Rio de Janeiro: Arquivo Nacional, 2015.
- GARCIA, Domingos Sávio da Cunha. **Território e Negócios na “Era dos Impérios”**: Os Belgas na Fronteira Oeste do Brasil. 2005. 259 p. Tese (Doutorado em Economia) – Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Economia, Campinas – SP, 2005.
- KNAUSS, Paulo (org.). **O retrato do rei d. João VI**. Rio de Janeiro: Artepadiña, 2019.
- MATO GROSSO. Secretaria de Educação Básica. **Documento de Referência Curricular para Mato Grosso**: Educação Fundamental – Anos Finais. Cuiabá: Secretaria de Estado de Educação, 2018.
- MATO GROSSO. **Sistema Estruturado de ensino do Estado de Mato Grosso**. 2024. Disponível em: <https://dgpe.fgv.br/projeto/sistema-estruturado-de-ensino-do-mato-grosso>. Acesso em: 21 abr. 2025.
- MATOS, Marco José dos Santos. Os Guató pelo olhar de Hercule Florence: historiografia e ensino de História Indígena. **Aceno** – Revista de Antropologia do Centro-Oeste, v. 9, n. 19: p.167-184, jan. / abr. 2022. Disponível em:

<https://periodicoscientificos.ufmt.br/ojs/index.php/aceno/article/view/13509/11540>. Acesso em: 01 jul. 2025.

SCHMIDT, Maria Auxiliadora; CAINELLI, Marlene. **Ensinar História**. São Paulo: Scipione 2004.

SILVA, Cristiani Bereta da. Conhecimento Histórico Escolar. *In: FERREIRA, Marieta de Moraes; OLIVEIRA, Margarida Maria Dias de (Coords.) Dicionário de Ensino de História*. Rio de Janeiro: FGV Editora, 2019. p. 50-54.